

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290002793



FE

TCC/UNICAMP T791h

**MAÍRA TARARAM**

**HISTÓRIAS DE ESTUDO DO MEIO – NARRATIVAS SOBRE  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ESCOLA BÁSICA**

**CAMPINAS- SP**

**2005**

**UNICAMP - FE BIBLIOTECA**

200606-23

**MAÍRA TARARAM**

**HISTÓRIAS DE ESTUDO DO MEIO – NARRATIVAS SOBRE  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ESCOLA BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial  
para obtenção do diploma do curso  
de Pedagogia na Faculdade de  
Educação da UNICAMP, sob  
orientação da Professora Doutora  
Maria Inês Freitas Petrucci dos  
Santos Rosa.

**CAMPINAS - SP**

**2005**

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	CC UNICAMP
	T791h
V:	
TOMBO:	2493
PROC:	123/2006
C:	v: X
PREÇO:	
DATA:	24/03/06
Nº CPD:	348094

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Tararam, Maira.  
T791h Histórias de estudo do meio - narrativas sobre produção de conhecimento na escola básica / Maira Tararam. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Maria Inês Freitas Petrucci dos Santos Rosa.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Estudo do meio. 2. Conhecimento escolar. 3. Narrativas (Retórica). I. Rosa, Maria Inês Freitas Petrucci dos Santos. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-314-BFE

## **Agradecimentos**

A Deus, pela força em todos os momentos.

À minha família, pelo incentivo e carinho.

À minha orientadora Maria Inês, pela dedicação e entusiasmo com que me acompanhou durante a realização do trabalho.

À professora Maria Carolina, por ter aceito ser a segunda leitora deste trabalho.

Aos educadores Gillson, Eduardo, Henrique, Maria Sílvia, Fátima, Célia e Pilly e aos alunos Lucca, Thainá, Camila e Tamara, pois sem suas contribuições, esta pesquisa não teria sido possível.

À D. Amélia, que proporcionou as condições para a realização desta pesquisa.

À minha amiga Lígia, pelo apoio e companheirismo durante a graduação.

À Luciane, da coordenação, por toda ajuda e atenção.

## **Resumo**

O presente trabalho procura investigar aspectos relacionados às práticas de estudo do meio desenvolvidas na Escola Comunitária de Campinas no decorrer de sua história. A partir das narrativas de educadores e alunos da escola, a história das práticas de estudo do meio será (re)construída e contextualizada nas histórias dos narradores. Nesse contexto, serão analisadas as formas de contribuição do estudo do meio para a produção do conhecimento escolar.

## SUMÁRIO

1. Primeiras palavras.....	01
2. Estudo do meio – uma modalidade de experiência no currículo da escola básica.....	08
3. Memórias, histórias, conhecimentos e subjetividades.....	15
4. De uma experiência para outras experiências – tessituras que permitem a emergência de uma pluralidade de significados.....	33
Referências Bibliográficas.....	38

## 1- Primeiras palavras

Vou contar um pouco da história de uma escola que tem grande significado para mim, pois foi o lugar onde estudei por onze anos, a partir de 1988 e onde aconteceu grande parte da minha formação. Não se trata apenas da aquisição de saberes formais, mas da construção de valores, laços afetivos e relações de amizade que perduram até hoje.

Este lugar é a Escola Comunitária de Campinas, uma cooperativa criada em 1977 por um grupo de pais, professores e funcionários que acreditavam em um projeto educacional voltado para a formação de cidadãos críticos, autônomos e solidários. Por meio da proposta construtivista, a escola tem o objetivo de proporcionar aos alunos meios para que se tornem ativos no processo de construção do seu conhecimento. Poderia escrever muitas páginas sobre a filosofia e a proposta pedagógica da escola, mas não vou fazê-lo, pois estas idéias estarão presentes nas histórias que serão narradas, no decorrer deste trabalho.

Retornando às minhas lembranças da escola, do que menos me recordo são os momentos em que ficávamos dentro da sala de aula. Não que estes não fossem bons, mas acho que não foram tão significativos quanto aqueles do recreio, das horas de saída em que pedíamos aos pais para chegarem o mais tarde possível; ou ainda das olimpíadas, tão esperadas todos os anos. Porém, as imagens mais claras que guardo da época da escola são, sem dúvida, as dos estudos do meio.

Foram várias viagens, várias histórias, vários lugares: Brotas, Curitiba, Ouro Preto, Santana do Parnaíba, Itu... e vários encontros, com pessoas da própria escola, alunos e professores e encontros com outras de diferentes lugares e diferentes realidades.

Um desses estudos que fizemos, em especial, me marcou. Era o mês de setembro, o mês mais esperado daquele ano. Finalmente iríamos para o estudo do meio de Curitiba. Desde a 5ª série sabíamos que haveria uma viagem longa, de quatro ou cinco dias, em que ficaríamos longe de Campinas, na companhia dos colegas e de alguns professores.

Algumas amigas da classe tinham irmãs mais velhas que já tinham passado por esse estudo e as histórias eram intrigantes. Contavam desde situações que aconteciam no ônibus durante o trajeto, até as noites no convento, nas quais ninguém dormia muito.

Saímos de madrugada da escola, muito entusiasmados. Poucos de nós tinham dormido antes de chegar na escola. Esse clima continuou enquanto viajávamos. Colocávamos fitas de música no ônibus, cantávamos e brincávamos muito. Não eram apenas os alunos que se divertiam, os professores nos surpreenderam durante a viagem, pois não estavam tão sérios como nos outros dias. Conversavam bastante, davam risadas e cantavam com a gente. As professoras de geografia e história não estavam com a expressão rígida, ao contrário disso, estavam simpáticas e alegres.

Existiam algumas regras que devíamos seguir, mas como essas eram feitas com a nossa colaboração e consentimento, não tivemos dificuldades em cumpri-las. Não houve nenhum grande problema nessa viagem.

Apesar de ficarmos pouco tempo em Vila Velha, a primeira cidade visitada, é de lá que mais me recordo. Por volta da uma da tarde descemos do ônibus e nos deparamos com um lugar fora do comum, um lugar maravilhoso. Havia rochas enormes que devido à erosão eram esculpidas nas formas de figuras diferentes como de uma esfinge, um camelo, um urso, uma taça, um castelo, etc. Para cada direção que olhávamos, apareciam novas rochas com cores e formas diferentes, uma mais magnífica do que a outra. Podíamos passar através de algumas delas e a sensação era muito estranha. Eu me sentia muito pequena, mas não tinha vontade de sair dali.

Vila Velha foi um dos únicos lugares em que permanecemos em silêncio durante algum tempo. Era uma beleza tão natural, tão diferente. Antes de irmos embora, nos reunimos em um pequeno grupo e prometemos que voltariamos lá algum dia.

Curitiba era para nós uma cidade bem diferente, um modelo urbanístico, como dizíamos. Andávamos a vontade, o ar era puro e as pessoas que moravam na cidade nos recebiam muito bem. Na Boca Maldita, espaço de encontro tradicional da cidade, vimos e conversamos com várias pessoas, principalmente com homens idosos que estavam ali justamente para conversar. Na feira de artesanato conhecemos ainda mais algumas pessoas, enquanto cuidávamos das entrevistas e outras que conversamos enquanto comprávamos algumas lembrancinhas.

Levávamos sempre um caderno no qual escrevíamos um relatório com observações, entrevistas e comentários de cada lugar que visitávamos. Mas na verdade, na maioria das vezes conversávamos mais do que anotávamos.

Quando conversava com alguém, sentia dificuldade em me envolver no diálogo enquanto anotava as palavras da pessoa. Por isso, nem tudo foi registrado de maneira escrita e avaliado.

Foi uma experiência muito legal, pois ainda não tínhamos feito isso em Campinas: olhar as pessoas da cidade, conversar com elas, interessar-se pelo que elas tinham para contar, sobre qualquer que fosse o assunto.

Joinville era uma cidade pequena, ideal para um retorno ao passado marcado pela colonização alemã do século XIX. A arquitetura das construções era muito preservada e a cidade era linda. Visitamos museus e conhecemos parte da cidade. Em Paranaguá, estivemos em um dos principais portos do país e conhecemos a sua estrutura.

Foram dias muito intensos, pois visitávamos vários lugares diferentes e no início da noite em vez de estarmos exaustos, nos arrumávamos ansioso para o passeio noturno.

Em uma delas fomos a um restaurante muito gostoso, onde havia música ao vivo, que propiciou um jantar dançante para ninguém colocar defeito. Foi muito divertido estarmos todos juntos, professores e alunos das duas classes, jantando e dançando naquela noite.

Durante as noites, tivemos os momentos mais descontraídos da viagem. O pessoal das duas classes se enturmava a cada dia e os professores se aproximavam cada vez mais dos alunos.

No decorrer dos dias, fomos percebendo em cada um dos professores quem eles eram, além de professores. Encontramos afinidades e

estabelecemos uma relação gostosa que normalmente não existia no ambiente formal da sala de aula. Algumas professoras que dormiam com as meninas no alojamento fingiam que não ouviam a bagunça que fazíamos, após chegarmos do jantar. Pegávamos os colchões dos quartos, levávamos para os corredores do convento e ficávamos quase todas conversando até tarde da noite, além de escorregar com os colchões, escada abaixo, inúmeras vezes.

Imagino que os professores não podem saber da dimensão total da experiência de um estudo do meio como esse, já que nem tudo é anotado e nem tudo é compartilhado com eles. É muito mais rico e muito mais intenso do que eles imaginam. São imagens e amizades que não ficam registrados em um relatório, mas ficam guardadas na nossa memória.

*As narrativas do cotidiano das pessoas comuns se realizam como história e as memórias, passado referido no presente, se traduzem em rememorações que, ao recriarem o sentido das imagens e refazerem os sentidos da experiência, nos possibilitam construir novos significados para nossas vidas e sobre nós mesmos.*(PEREZ, 2003: 7).

Depois de alguns anos após minha saída da escola, voltei para compreender melhor a prática dos estudos do meio, que é ainda muito presente na escola e me desperta muito interesse.

Hoje, esse tema é mergulhado na minha própria história, por isso o princípio metodológico desse trabalho será a narrativa, concebida por Benjamim (1994) como uma faculdade de intercambiar experiências. Segundo

o autor, a narrativa está se extinguindo lentamente a partir da difusão da informação na sociedade capitalista. Enquanto a informação requer uma verificação imediata, uma compreensão única e acabada, na narrativa o leitor é livre para interpretar a história como quiser. Coloca também que a narrativa

*... não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIM,1994: 205).*

Perez, que também é leitora de Benjamim, afirma o papel central da rememoração na construção da narrativa. Segundo a autora, as experiências criadas no cotidiano são recriadas na rememoração.

*A rememoração articula a dimensão sensível da memória ao ato de lembrar, o que torna comunicável a experiência. Na rememoração as lembranças estão sujeitas a atualizações, releituras e reelaborações, fruto de reflexões sobre o pensamento lembrado. (PEREZ, 2003: 4).*

Dessa forma, procuro resgatar algumas partes da história dos estudos do meio da Escola Comunitária, por meio de histórias de pessoas que vivenciaram essa prática. A partir das narrativas de alguns professores e alunos que relatam diferentes experiências sobre um mesmo tema, pretendo investigar a seguinte questão: *como as experiências de estudo do meio contribuem para a produção do conhecimento escolar?*

Para a coleta de narrativas foram gravadas e transcritas entrevistas com seis professores e um orientador educacional. Todos trabalham na escola há bastante tempo, alguns desde a sua fundação. Esse critério foi adotado com o objetivo de resgatar histórias de diferentes épocas da escola, não apenas de experiências recentes de estudo do meio. Dos professores entrevistados, uma trabalha com Educação Infantil, uma com 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, dois com 3º e 4º ciclos e outros dois com turmas do Ensino Médio. Além desses educadores foram entrevistadas duas alunas de 8ª série, uma aluna e um aluno do 1º ano do Ensino Médio. As pessoas entrevistadas receberam, nesse texto, nomes fictícios.

As entrevistas, por serem bastante marcadas pela oralidade, foram por vezes textualizadas. A textualização é uma técnica de tornar a fala mais próxima da linguagem escrita, sem ferir os princípios de verdade nela inscritos.

A idéia de coletar narrativas, tanto de educadores quanto de alunos, tem como objetivo a busca da diversidade de experiências sobre as mesmas vivências. Dessa forma, acredito que, como Larrosa,

*o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (LARROSA,2001: 10).*

## **2- Estudo do meio – uma modalidade de experiência no currículo da escola básica.**

O estudo do meio, também conhecido como trabalho de campo, começa a ser realizado nas escolas brasileiras a partir da década de 60 (BRASIL, 1998). Em contato com autores que discutem a questão do estudo do meio e com as narrativas coletadas, pude observar algumas idéias acerca dessa prática escolar.

*... o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. (SILVA, 2002: 3 ).*

A autora considera sua relevância pedagógica, pois é uma forma de construir conhecimento, de gerar atitudes e habilidades amplas de formação social, já que estimula relações afetivas e cognitivas. Além disso, coloca que os trabalhos de campo não podem ser confundidos com atividades apenas recreativas ou de confraternização.

Vemos que a denominação "excursão" vem sendo evitada nas escolas para que haja uma distinção entre esta e o estudo do meio. "Não se usa mais o

*nome excursão. Apesar disso, muito do que é dito estudo do meio ainda mantém um caráter de excursão ou passeio.” (Heloísa)<sup>1</sup>.*

*“Para nós, grupo de história, o estudo do meio não é passeio. Ele é mais que uma estratégia de trabalho, é uma maneira de trabalhar a produção de conhecimento dos alunos.” (Carmem).*

Embora expressões como “estudo do meio” e “trabalho de campo” tenham sido popularizados no ambiente escolar, a partir das décadas de 80 e 90, alguns trabalhos afirmam a existência de práticas de observação do meio anteriores a esse período.

*O valor de ambientes naturais e ambientes construídos pelo homem tem sido por muito tempo considerado por educadores de diferentes tendências pedagógicas como um recurso incomparável para o desenvolvimento de atividades de educação. De maneira especial, as propostas educacionais relacionadas com a temática ambiental têm enfatizado a importância dos trabalhos de campo e a riqueza de ambientes ‘fora de sala de aula’ como recurso para a exploração dos diferentes componentes, da dinâmica dos processos naturais e de diferentes dimensões das relações ser humano – sociedade – natureza. (CARVALHO,2002: 1).*

---

<sup>1</sup> Como já referido, a partir desse ponto do texto, as narrativas terão como autores, personagens de nomes fictícios.

De acordo com o texto "Estudo do meio e outras saídas para o ensino noturno", as escolas anarquistas nas primeiras décadas do século XX pretendiam o estudo da realidade circundante a fim de transformá-la, ao mesmo tempo que as propostas dos escolanovistas valorizavam a percepção do ambiente exterior à escola com o objetivo de adaptar os alunos ao meio social. Além dessas, também as escolas de aplicação e os colégios vocacionais, privilegiavam o estudo do meio.

*O meio era entendido como o 'conjunto de realidades externas ao sujeito, que age sobre ele e sobre as quais ele age, procurando não perder jamais de vista o contexto total de meio natural e humano'. (SÃO PAULO, 1992: 14).*

Essas práticas foram interrompidas nas escolas de aplicação e vocacionais durante a ditadura, por serem consideradas perigosas. As novas propostas baseadas na tecnologia educacional procuraram transformar os estudos do meio em técnicas de ensino, para motivar ou propiciar relações analíticas com os conteúdos trabalhados.

Atualmente o estudo do meio é muito presente como modalidade de experiência curricular. Isso se deve, em grande parte, às orientações dos textos oficiais (CARVALHO, 2002). Relacionado ao tema transversal "Meio Ambiente", o estudo do meio, segundo os PCN's (1997), tem o objetivo de propiciar ao aluno a compreensão da complexidade e da amplitude das questões ambientais.

*Assim, é importante que se faça um levantamento dos locais como parques, empresas, unidades de*

*conservação, serviços públicos, lugares históricos e centros culturais e se estabeleça um contato para fins educativos. (Brasil, 1997: 192).*

Nas práticas curriculares contemporâneas, muitas vezes, o que se observa é que os chamados temas transversais são transformados em disciplinas. Assim, há escolas, por exemplo, que trabalham especificamente com uma disciplina chamada Meio Ambiente e nela, prioritariamente, são desenvolvidas atividades de estudo do meio.

Garcia e Alves (2000) alertam que essa abordagem equivocada não pode ser atribuída aos significados produzidos a partir dos textos oficiais. Existe outra visão, defendida pelas autoras, na qual

*... a transversalidade preexiste aos eventuais conhecimentos disciplinares que possam ser mobilizados para responder às questões que lançamos sobre a natureza ou a maneira como os homens e mulheres se organizam, na sociedade, ou aos problemas que precisamos resolver para termos uma sociedade mais justa e igualitária. (GARCIA e ALVES,2000:103).*

As autoras apontam para um movimento de diálogo entre as disciplinas e um rompimento das fronteiras disciplinares na busca de soluções para os complexos problemas dos microcontextos e macrocontextos sociais.

Sobre a questão da disciplinaridade nas ciências, Morin (2000) considera que a instituição disciplinar conduz ao risco de “hiper-especialização”

do pesquisador e de “coisificação” do objeto estudado: *“A fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios isolam a disciplina das outras e dos problemas que a recobrem.”* (MORIN, 2000: 67).

Por outro lado, o autor acredita que na ruptura dos “muros disciplinares” por meio da conjunção de um novo esquema cognitivo e de novas hipóteses que articulam as disciplinas separadas para chegar à compreensão da unidade: *“... a interdisciplinaridade pode querer dizer troca e cooperação e tornar-se, assim, alguma coisa orgânica”.* (MORIN, 2000: 78).

O estudo do meio permite a integração de diferentes áreas do conhecimento e abordagens interdisciplinares.

*“Você está sempre numa área de relevo, sempre numa microbacia, sempre podendo observar uma série de testemunhos históricos daquela região, você pode estar percebendo as modificações que foram ocorrendo ao longo do tempo pelo homem. De repente tem um fragmento de mata nativa que você pode chamar a atenção. Então, você saiu para o campo e pode fazer a interdisciplinaridade da maneira mais tranqüila possível e eu acho isso uma coisa interessante e motivante”.*(Roberto).

Dessa forma, o estudo do meio possibilita que o conhecimento não seja, segundo Pacheco (1991), organizado em uma estrutura conceitual de conteúdos, na medida em que proporciona o estudo dos fenômenos ambientais em sua totalidade.

*... o conhecimento não se constitui de conceitos tão simplesmente, mas de relações que se estabelecem entre os elementos que compõem os fenômenos ou o ambiente. De tais relações derivam conhecimentos sobre processos que ocorrem na natureza, ou sobre a organização do ambiente. (PACHECO,1991: p. 31).*

Alves (2000) coloca que a partir da segunda metade do século XX, um movimento vem questionando a forma disciplinar, linear e hierarquizada de construir conhecimento. Trata-se do reconhecimento de que as contribuições da modernidade não estão apenas relacionadas às criações racionais, “... entende-se de maneira crescente que a subjetividade – com todas as suas criações – ganha espaço não só enquanto categoria, mas especialmente enquanto realidade social”. (p.116).

De acordo com a autora, esta subjetividade se expressa em criações dos sujeitos individuais e sujeitos coletivos que se desenvolvem em poderosas redes de contatos, comunicação e informação.

Segundo Ferraço (2000), a realização do currículo no mundo contemporâneo deve assumir as características de redes complexas na busca de saídas para os problemas.

*O entremeado de identidades, variações de significados e conhecimentos do cotidiano escolar e o entrelaçamento de ações nele realizados implicam em assumirmos diferentes ‘currículos – redes’, realizados nas salas de aula.” (FERRAÇO,2000:148).*

Para Manhães (2002) o conhecimento em rede reconhece que “*nenhuma análise pode espelhar a realidade, nem é produto de um sujeito radicalmente separado da natureza. O observador é participante e criador do conhecimento .*” (p. 71).

Um trabalho de estudo do meio pode propiciar a configuração de redes de conhecimento, na medida em que movimenta outras dimensões além da cognitiva.

*“O estudo do meio refina o espírito de observação, trabalha com o despertar das sensibilidades, com os sentimentos em relação ao que estão observando. Os alunos se emocionam, podemos ver isso quando eles estão na Igreja de Ouro Preto ou quando conversam com as pessoas de Santana do Parnaíba; é muito mais que conteúdo”. (Carmem).*

### 3- Memórias, histórias, conhecimentos e subjetividades

A Escola Comunitária é marcada pela realização dos estudos do meio desde a sua criação, o que propiciou o desenvolvimento de uma proposta de trabalho que há anos envolve alunos, professores e coordenadores de todos os níveis de ensino.

*"... quando eu vim aqui para a Comunitária eu percebi que aqui tinha já uma linha de trabalho mais sedimentada na questão do estudo do meio e eu percebia os alunos contando dos lugares que eles tinham visitado e desde o primeiro ano que eu entrei aqui eu comecei a fazer os estudos do meio. Eu acho que essa é uma questão que sempre foi colocada no núcleo de história<sup>1</sup>, sempre discutimos muito o estudo do meio e inclusive alguns estudos como o de 8ª série para Curitiba são considerados tradicionais, já realizados há muitos anos. (...). Acho que isso é uma das marcas que vem do histórico da escola e da D. Amélia." (Heloísa).*

O trabalho com estudo do meio tem início no primeiro ano da Educação Infantil, ligado ao projeto de adaptação das crianças na escola, do qual as famílias também participam.

*"... os pais apresentam a escola para os filhos na adaptação, por isso eles ficam dois dias aqui com as crianças. Eles estão mostrando para os filhos essa*

*escola, que agora vai ser um mundo novo que eles vão conviver... No infantil 1, início do ano, a gente faz um projeto de adaptação de um pato e quando o pato já está grande ele vai pra casa dele, que é um lago. Então, a gente leva esse pato para uma fazenda, faz esse primeiro estudo do meio com os pais e faz um paralelo com a adaptação... Então a gente mostrou uma escola que eles iam começar, mas essa escola também tem outro lado que é a escola fora da escola.” (Lúcia).*

Nesse mesmo ano acontece um outro estudo do meio, a visita a casa da professora, no qual as crianças vão sem os pais, com o objetivo de trabalhar as relações entre as crianças e a professora.

*“Esse estudo do meio na casa da professora acaba sendo um estudo do meio bastante tranquilo, porque as crianças já estão acostumadas a sair da escola, já saíram uma vez... depois que eles vão pra casa da gente, o vínculo é muito mais forte, parece que a gente passa a ter vida própria mesmo, eles ficam muito mais próximos da gente do que eles eram.” (Lúcia).*

Podemos perceber que com as crianças menores a proposta de estudo do meio tem um enfoque social e afetivo, envolvendo aspectos como relações e sentimentos entre as crianças e entre crianças e professoras.

---

<sup>4</sup>Núcleo de História: grupo formado por professores de história e uma coordenadora.

Essa preocupação com o desenvolvimento social dos alunos e professores, que um estudo do meio pode proporcionar, está presente em todas as séries em que essa atividade acontece, de forma que os estudos do meio são planejados visando também à integração social.

*"Quando eu entrei já tinha o estudo do meio de Curitiba da 8ª série, que já acontecia há alguns anos... eram duas classes de manhã e uma classe de tarde. E eu era da tarde. A gente fazia, nesse caso, tudo junto. Quando tinha duas classes de tarde era separado... Só que nessas experiências de fazer junto, a gente avaliava também a parte social. A integração era muito grande, a aproximação e o conhecimento dos alunos também, e aí você tinha um ganho muito grande. Quando, por exemplo, a gente ia montar as classes do 1º colegial, era muito mais fácil no ano que você tinha tido o estudo do meio junto. Porque aí as pessoas se conheciam, as pessoas tinham referências. E se conheciam assim... quatro dias não é que você conheça, mas você tem referências, você viu a que grupos aquelas pessoas pertencem, o estilo, o jeito. Na hora de montar as classes do 1º colegial era muito mais tranquilo. E quando não tinha era muito mais complicado." (Luís).*

*"O estudo do meio, é bom deixar bem claro, não visa só conteúdo. Quando a gente coloca os alunos em contato, provocamos um relacionamento social. Na 5ª e 6ª séries*

*não chega num ponto ideal, porque é pouco tempo. Quando chega São Paulo, ou Curitiba ou Brasília, eles vão pernoitar. Então, eles ficam três, quatro, cinco dias e tem todo aquele relacionamento; decidem quem vai dormir com quem, quem vai fazer o trabalho de grupo... eles se juntam com outras classes, com outro período. São quatro 8<sup>as</sup> e em cada grupo tem as quatro 8<sup>as</sup>, eles têm que se relacionar para trocar informações... têm um relacionamento social muito intenso, tanto é que vai com quatro 8<sup>as</sup> e só volta uma... eu acho o relacionamento muito importante. A gente descobre muita coisa, a parte informal é muito mais tranqüila, você descobre muitas coisas que não via no aluno.” (Paulo).*

Em algumas situações, o estudo do meio abre a possibilidade para trabalhar questões de relacionamento que não poderiam ser tratadas da mesma maneira na sala de aula.

*“Eu gosto muito desse tipo de atividade, para mim é um prazer muito grande fazer isso porque além de trabalhar uma série de questões ligadas a educação que eu acho fundamentais, a gente acaba interagindo com os alunos de uma maneira saudável. Porque ficar com o aluno o dia inteiro no campo, você conversa, você dá risadas, brinca. Às vezes tem algum problema, o problema acontece e é resolvido naquele intervalo de tempo curto. Se você tem um problema na Segunda-feira na sala de aula e você só*

dá aula na Terça-feira, aquele aluno vai ficar chateado e você também na Terça, Quarta, Quinta-feira; até você entrar na sala de aula e muitas vezes você nem consegue chegar nele e resgatar a relação porque você tem um grupo, tem a classe e aí está acontecendo alguma outra coisa. Em uma viagem isso pode ser resolvido rapidamente. Você teve um problema com o aluno de manhã, passou uma, duas horas e você pode chamá-lo para conversar, demonstrar e explicitar que para você aquilo está resolvido. Então as relações acontecem de uma maneira muito mais intensa, os problemas, os conflitos e as soluções... Não acho que estudo do meio é solução para todos os problemas de relacionamento da classe, para todas as dificuldades que a gente tem de relacionamento. Mas uma coisa que acontece em uma saída de campo longa é que os problemas e as coisas boas, os aspectos positivos e negativos das relações se potencializam e aí você pode trabalhar com mais tranquilidade. Você tem, por exemplo, exclusão no grupo. Num estudo do meio a exclusão fica muito forte, e aí você tem que trabalhar. Na sala de aula, às vezes, a coisa fica muito camuflada, porque a aula é rápida e, num estudo do meio, se você está querendo trabalhar a questão da exclusão, você tem um prato cheio. Você tem três, quatro dias e a questão do tempo num estudo do meio é

*diferente, você não está pressionado pela hora/aula.”*

(Roberto).

As lembranças de estudo do meio estão muito ligadas ao convívio social para as alunas de 8ª série, que juntas foram narrando suas experiências:

*“É importante que quando a gente vai num estudo do meio tem que fazer tudo junto e então você acaba conhecendo e ficando amiga dessas pessoas. Você acaba conhecendo todo mundo. Acaba tendo também uma melhor relação com os professores, você os conhece como pessoa e depois fica muito mais fácil na hora da aula quando você gosta do professor... a gente acaba conhecendo como eles são fora de aula. Muda a relação e muda para melhor”. (Fernanda e Andréa).*

Se para as alunas, as descobertas relacionadas com a afetividade e o social são marcas importantes na memória, para os professores a questão do conhecimento aparece nítida em suas histórias.

Vemos que no aspecto do conteúdo, a proposta da escola apresenta uma posição definida sobre a maneira como são relacionados os conteúdos, vistos em sala de aula, com os elementos presentes no ambiente estudado.

*“No estudo a gente vê o seguinte: que você tem, normalmente, na parte do conteúdo dois aspectos. Um é você trabalhar com conteúdos que você está vendo no momento. Nesse momento a gente está vendo*

determinado conteúdo, então vamos em tal local onde vamos vivenciar, ver, observar. Aquilo que você está vendo na sala de aula, você vai ter uma correspondência no meio. E uma outra parte do conteúdo é um resgate. Por exemplo, lá no estudo de Curitiba a gente tinha as duas coisas. De um lado, em Geografia, você estava vendo toda a parte de urbanismo, na questão das metrópoles, das cidades e tal. Então, Curitiba se prestava a isso. Por quê? Por ser uma cidade organizada, com um sistema viário todo planejado, avenidas perimetrais ligando a cidade de um ponto a outro, linhas de ônibus pensadas para isso, terminais pensados para isso. Uma outra coisa interessante, também nessa parte de urbanismo, é que você tinha nos terminais o que eles chamavam de Rua da Cidadania. Então, num determinado terminal você tinha a Rua da Cidadania, que era o que? Uma rua que concentrava todos os serviços públicos, desde serviços de água, serviços de luz, juizado de pequenas causas, você tinha bancos, juntas de alistamento do serviço militar, quer dizer, todos os serviços. Então, o cidadão não precisava ir para o centro, necessariamente, para ter acesso aos serviços públicos. Ele tinha, de uma forma descentralizadora, nos bairros, nas grandes regiões da cidade, esses serviços. Fora isso, toda parte de parques, de memoriais que lá existem, são

*memoriais ligados à imigração, e aí juntava com a História. Quer dizer, você está vendo a Geografia, no sentido de ter um parque, esse lado do urbanismo pensado para a população. Mas ao mesmo tempo, naquele parque, era o memorial ucraniano, o memorial japonês, o memorial árabe. Você juntava as duas coisas. E tinha todo esse lado atual do conteúdo que você estava vendo. Ao mesmo tempo, tinha também o lado do resgate de conteúdos anteriores. A gente ia em Paranaguá, por exemplo. Aí em Paranaguá pegava a parte colonial, as igrejas, as ordens religiosas, o papel dessas ordens no Brasil enquanto formadora de comunidade, formadora de identidade, quer dizer, o papel da Igreja Católica dentro desse processo de formação do Brasil. E, ao mesmo tempo, você tinha o porto de Paranaguá, que de novo você trazia para a questão atual da globalização, da união dos mercados. O porto de Paranaguá como exportador de soja, de grãos, de tudo isso daí que até hoje é muito forte.” (Luís).*

Trabalhar a produção de conhecimento no estudo do meio é uma experiência interessante e motivadora, que permite uma aprendizagem contextualizada, que mobiliza várias dimensões diferentes da cognitiva nas pessoas que participam dessa atividade.

*“É um trabalho em que eles se envolvem pela perspectiva de estar saindo para o campo, é sempre uma coisa que*

*motiva muito as classes, a possibilidade de ir para o campo, de mexer, de observar, de coletar, de fotografar... o envolvimento é muito maior na hora em que eles mexem, na hora em que eles têm uma atividade concreta, que eles vão coletar as rochas, vão procurar os fósseis. Aí é fantástico.” (Roberto).*

*“Acho que o estudo do meio faz a criança viver. O estudo do meio da cidade de Campinas, por exemplo, que a 2ª série faz, eu fiz com eles durante muito tempo, seis ou sete anos que eu fiquei na 2ª série. Você vai com as crianças no centro de Campinas e aí em cada local você conta a história que mostra onde Campinas começou, o que é que tinha ali, como é agora, as transformações por que Campinas passou, o que significa cada pedaço dessa transformação. Eles olham, por exemplo, a arquitetura dos prédios e conseguem perceber a evolução da história, a questão financeira e econômica nessa evolução. Conhecem, através dos monumentos, quem foram as pessoas importantes para Campinas, porque essas pessoas foram importantes, porque existe um monumento para elas. É muito diferente você chegar na sala de aula, mesmo que você faça isso por figura, para eles é muito mais significativo estarem no local e entenderem o que aconteceu ali. Um dos lugares, por exemplo, é o Tônico's Boteco, que a gente vai para eles*

*tomarem lanche. Por que a gente escolheu o Tónico's? Porque o Tónico's é uma construção antiga, é da época da construção de taipa de Campinas. E dentro do Tónico's tem partes expostas dessa construção. E você falar para eles como é a construção de taipa, é uma coisa. Eles irem lá e verem aquilo é outra situação. Eles conseguem concretizar aquilo que eles estão aprendendo. Acho que o estudo do meio é fundamental para isso. Não fica no papel, não fica na conversa, fica na vivência.”*  
(Tereza).

O estudo do meio da 6<sup>a</sup>. Série, no qual eles vão para Visconde de Mauá, é um exemplo de como uma saída de campo mexe com os sentimentos de alunos e professores.

*“Eu acho que todo mundo que vai para lá, inclusive os professores, voltam trazendo alguma coisa com eles. Existe muito a saída de campo que você vai, na cidade ou em locais que você tem certo contato, que você aprende muitas coisas, mas não é um estudo que mexe com você, que dá aquela balançada, aquela experiência que você fala “poxa, me tirou do centro, me desestabilizou”. Esse é um estudo do meio que desestabiliza, eles voltam percebendo que existem coisas muito diferentes das quais eles estão acostumados a vivenciar. O nosso aluno, de Escola Comunitária, é um aluno de cidade, urbano, que sai da Comunitária e vai para a casa, vai para o*

*shopping. Alguns têm fazenda, têm sítio, mas não estão acostumados, em geral, a andar no meio do mato, fazer trilha, ficar dois, três dias sem televisão, sem quadra... Na minha opinião é o mais impactante do ponto de vista emocional, eles voltam diferentes.” (Roberto).*

Carvalho (2002) coloca que o primeiro aspecto a ser considerado pelo educador no planejamento de uma atividade de campo é o de estabelecer com clareza os objetivos do trabalho para que esse não se exponha ao risco de dispersão.

O planejamento dos estudos do meio na Escola Comunitária é feito de forma coletiva pela equipe de educadores envolvidos e tem a preocupação de contextualizar os alunos sobre os objetivos do estudo.

*“Quando a gente faz a elaboração, a montagem desses estudos, a gente tem sempre a preocupação de ver de que maneira aquilo lá se engancha com o que está sendo visto, ou seja, de que maneira você vai preparar esse aluno para essas saídas, algum tipo de discussão ou de aprofundamento em relação a esses assuntos que ele está trabalhando em sala. Isso envolve, quando você está preparando uma aula que você vai dar muitas vezes você já está pensando em termos de conteúdo, às vezes até um mês antes, não está nem falando de estudo do meio, mas você está dando direções que você sabe que vão fazer sentido ali na frente. Isso exige uma clareza no*

*planejamento que parte da gente como professor em relação ao que você pretende com aquele estudo. Isso envolve todo um trabalho anterior, desde aquele mais geral, mais implícito que às vezes só o professor está sabendo que ele está preparando, como aquele explícito que você está discutindo completamente com os alunos, o que você vai fazer naquele dia, você entrega um roteiro de observação. Alguma orientação sempre é dada para os alunos. Então, o estudo do meio envolve o antes, o durante, seja o estudo do meio curto de um dia ou de alguns dias quando eles dormem fora e depois tem a volta. Tem todo um trabalho de aproveitamento dessas informações, pode variar conforme as séries. Existe uma preocupação assim, eles têm que estar contextualizados desde a programação, dos objetivos.” (Carmem).*

*“Já foi muito questionado porque a escola não terceiriza integralmente o estudo, vai um professor ou um orientador e você coloca dez monitores, eles brincam e tal. A gente tem equipe, o estudo é um estudo da escola, você tem equipe de professores, História, Geografia, Ciências, Orientação, Coordenação, todo mundo envolvido, e faz um estudo onde os alunos estão convivendo também com os professores. Os professores estão observando os alunos, atuando nas dificuldades sociais de integração, e tudo isso é a riqueza do estudo.” (Luís).*

A formação de cidadãos atuantes, críticos e solidários é um dos objetivos da proposta pedagógica da escola e várias são as situações em que valores e questões de cidadania são trabalhadas durante o estudo do meio.

*"Independentemente do conteúdo que você está trabalhando, acho que ele sempre contribui para uma ampliação de horizontes. Em alguns estudos, muito, pelo tipo de área que é visitada, pelas questões que estão sendo colocadas em jogo. No caso de Brasília isso é fantástico, porque você consegue desconstruir na cabeça dos alunos uma série de chavões que eles tem, por exemplo, a respeito de política. Ajuda a contribuir para esfacelar um pouco essa idéia de que política é só para quem está no partido, ou então é coisa de gente desonesta. Os alunos trazem isso. Pelo contato que ele tem através das entrevistas que se faz com diversas pessoas que tem funções públicas, que desenvolvem trabalhos e eles tem entrevistas longas com essas pessoas. Acho que isso contribui para você modificar uma série de referenciais que você, normalmente, tinha para analisar, seja a realidade brasileira, seja uma questão mais específica." (Tereza).*

Sobre o estudo do meio de Brasília, os alunos colocam que:

*"...nessa viagem a gente pode ter contato com o cidadão, de ver como é que o cidadão tem o direito dele,*

*como eles podem participar da política, participar de decisões, como eles têm acesso a isso. A gente foi um grupo privilegiado, porque pode ir lá conhecer. Mas existem pessoas que não têm reflexão, muita reflexão sobre a política, sobre a desigualdade no Brasil, sobre o mundo... acho que também é aquele susto. Você chega e vê uma cidade de construção moderna, uma coisa diferente. Os prédios todos com vidro, dando o efeito de transparência do governo. Você se sente menor quando você vê aquela dimensão daquela coisa de Brasília, principalmente quando se via na torre, que eu acho que foi uma coisa que pegou. Você sobe e vê toda aquela parte do Congresso, dos ministérios. Você se sente assim: eu quero participar da política, eu preciso participar, eu quero mudar meu país. E você sente que tem que fazer alguma coisa. É pequeno, mas você tem que mostrar a sua participação diante do país.” (Gabriela).*

*“ Se não tivéssemos ido até lá, a gente teria noção do que é dado e um pouco do senso comum: “ah, Brasília é bonita, eu já fui pra lá e á legal”. Mas você vendo, você pode criar o seu modo de enxergar as coisas, o seu modo de impor, de pensar. Então eu acho que é bem legal.” (Marcelo).*

*"...eu acho que na classe a gente teria só a parte superficial da coisa. Poderia aprofundar, mas não seria como você estar lá, você vivenciar, ver as experiências. Você vê o político passando no Congresso, no Senado. Vê as coisas acontecendo, parece que está vivendo a história, sabe?" (Gabriela).*

Em Curitiba uma situação inesperada sensibilizou os alunos:

*"Uma situação muito marcante foi, no estudo de Curitiba, a gente foi no chamado Centro Cívico, lá de Curitiba. E nesse Centro Cívico tem o Palácio do Governo do Estado. E na frente tinha um acampamento de sem terras, tinham invadido um prédio que estava em construção e tinham feito ali um acampamento. Aí, não era programado, a gente foi até o Palácio do Governo e, enquanto isso, um dos professores foi até o acampamento e solicitou se a gente podia entrevistar. Eles concordaram, a gente levou os alunos, cancelou uma parte da viagem, levou os alunos para o acampamento. Quando a gente chegou no acampamento, você tinha crianças, mulheres, uma mini escola e eles foram tendo contato com todas essas pessoas, com toda a dificuldade, com a história e a origem deles. E aí com as crianças, imagina, as meninas e os meninos de 14 anos, tendo contato com uma barraquinha de lona, com cinco ou seis livros, uns*

*cadernos, uma lousinha de 60X50 cm e as crianças lá, querendo aprender, querendo estudar. Então, foi uma sensibilização enorme! Eles fizeram uma "vaquinha", uma coleta entre eles próprios para comprar livros. Eles ficaram muito sensibilizados." (Luís).*

Essa narrativa descortina para mim uma outra potencialidade de caráter profundamente transformador do estudo do meio. Conhecer pode significar agir, mobilizar, transformar. O acesso a determinadas informações no lugar onde elas acontecem, fazem os sujeitos cognoscentes se tornarem praticantes: praticantes-em-ação. Isso me lembra as palavras de Amaral:

*... o movimento cognitivo previsto, durante a aprendizagem, é o que parte da ação, prosseguindo para a reflexão e retomando à ação. Este retorno à ação diferencia-se da ação inicial pelo seu caráter mais crítico, tanto em termos científicos como sociais, propiciado pelas novas experiências e informações adquiridas, acompanhada da correspondente reflexão. (AMARAL, 1991: 44).*

*"Na primeira série eu vou com eles numa escola estadual da Vila Brandina. No projeto que eles estão fazendo agora, que é "O direito à educação", uma das questões é como a gente pode ajudar as crianças que não têm uma escola como a nossa. Eles estão percebendo qual é a escola que eles têm e que existem crianças que não têm*

*a mesma condição que eles têm. E daí? O que a gente vai fazer com isso? Nós vamos só ficar no blá blá blá? Eles estão fazendo uma campanha do livro infantil aqui na escola. Eles vão arrecadar livros infantis e nós vamos montar uma biblioteca para a escola da Vila Brandina. E dia 20 a gente vai lá levar os livros de presente para as crianças. E com o professor de música eles estão preparando uma música, que vão apresentar para as crianças de lá. E a gente vai tentar manter esse contato com essa escola no próximo semestre: escrever e receber cartas, fazer um trabalho mesmo de vivência do projeto. Por que adianta ficar só escrevendo, lendo? Constatando?" (Tereza).*

Ao me envolver nesse trabalho e poder ter o contato ímpar com cada narrador e sua experiência vivida, percebia a amplitude de possibilidades que o estudo do meio traz para as práticas curriculares na escola. Sobre experiências como essas, que foram relatadas neste capítulo, Alves (2003) coloca que:

*Aprendemos assim, nesse contexto, a organizar nossas idéias, aproximando-nos de uma questão que julgamos relevantes ou de um "espaçotempo" que queremos mudar, traçando aquelas trajetórias que nos permitem "ir cercando-o/a", envolvendo-a/o com uma tênue rede de pensamentos que nos vão vindo a partir de ações que praticamos, de articulações teóricas que o diálogo com alguns autores nos vai permitindo e, ainda, de*

*articulações práticas desenvolvidas no diálogo diário com outros praticantes do cotidiano. Todos esses processos se dão em ações que não planejamos, necessariamente,... permitindo a tessitura de acontecimentos culturais que vão mudando a vida e os contextos em que se realiza. (ALVES,2003:66).*

#### **4- De uma experiência para outras experiências – tessituras que permitem a emergência de uma pluralidade de significados.**

Já faz alguns anos que não estudo mais nessa escola e durante este período algumas mudanças ocorreram com os estudos do meio que vivenciei. Alguns não acontecem mais, algumas cidades visitadas foram substituídas por outras. Porém, pude perceber que a proposta da escola continua tendo objetivos amplos de formação, os professores e coordenadores continuam trabalhando para que estas atividades sejam realizadas todos os anos, fazendo as modificações e atualizações necessárias, e os alunos voltam tão entusiasmados quanto voltávamos há dez ou quinze anos.

Os estudos do meio são experiências significativas para os alunos, porque não se resumem em conceitos ou conteúdos; vão além disso, possibilitando encontros com lugares, ambientes, pessoas e realidades.

Quando estávamos em Curitiba pudemos nos relacionar com pessoas da cidade e ouvir opiniões sobre diversos assuntos. Tínhamos um roteiro de perguntas elaborado para orientar as entrevistas, mas as conversas, muitas vezes, iam além das perguntas do roteiro, se expandiam para outros assuntos e acabávamos conhecendo outras concepções de mundo, outras realidades e histórias de vida. Posso imaginar como se sentiram aqueles alunos de 8ª série no estudo de Curitiba quando encontraram um acampamento de sem-terra e conheceram a escola que existia ali, uma escola pequena que ficava em uma barraquinha de lona e onde havia poucos livros e cadernos. É uma realidade

que chocou aqueles alunos, os sensibilizou a ponto de gerar uma atitude de ajuda para a compra de livros para as crianças da pequena escola.

Como ocorreu com essa turma em Curitiba, os estudos do meio estão sujeitos a situações inesperadas que contribuem para a riqueza do estudo, quando trazem novos elementos para a construção de conhecimentos, sobre determinado conteúdo ou realidade.

*A escola há de ser um espaço/tempo de redes de múltiplas relações e movimentos que permitam a criação, rica e turbulenta, de novos conhecimentos que nem sempre são aqueles que pretendíamos ser os que devem ser aprendidos por nossos alunos. (ALVES E GARCIA, 2002: 101).*

Por se tratar de uma prática curricular que não se restringe à transmissão de informação, mas que trabalha com a experiência vivida, o estudo do meio possibilita que os alunos construam seu próprio ponto de vista, seu próprio conhecimento sobre a realidade estudada. Isto pode ser visto, com clareza, quando observamos as transformações por que passaram os alunos entrevistados do 1º ano do Ensino Médio durante o estudo de Brasília. Depois da visita ao Congresso Nacional e do contato direto com os políticos eles passaram a acreditar na importância da participação política do cidadão.

*Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece. No saber*

*da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (LARROSA, 2001: 10).*

Ao discutir a concepção de disciplina escolar, Lopes (1999) coloca que, durante a sua constituição, diferentes textos são deslocados de outros contextos, como o acadêmico e dos centros de pesquisa e são recontextualizados na formação do discurso pedagógico. A autora afirma que as diferenças entre o conhecimento escolar e os saberes científicos são capazes de contribuir para a formação de valores e saberes, que não puderam ser formados apenas pelo contato direto com o conhecimento científico.

*Cabe a escola o papel de tornar acessível um conhecimento para que possa ser transmitido. Contudo, isso não lhe confere a característica de instância meramente reprodutora de conhecimento. O trabalho de didatização acaba por implicar, necessariamente, uma atividade de produção original. Por conseguinte, devemos recusar a imagem passiva da escola como receptáculo de subprodutos culturais da sociedade. Ao contrário, devemos resgatar e salientar o papel da escola como socializadora/produtora de conhecimentos. (LOPES, 1999: 218).*

Os conhecimentos envolvidos nas experiências de estudos do meio narradas nesse trabalho, estão relacionadas ao currículo em rede, pois o estudo é composto por três momentos. No primeiro, anterior ao trabalho de

campo, os professores desenvolvem com os alunos conteúdos ligados à proposta do estudo, de maneira explícita ou implícita. O segundo momento refere-se à saída de campo, na qual sempre existe alguma orientação ou roteiro de observação. E no terceiro ocorre o trabalho em sala a partir das informações coletadas.

Existe uma correspondência entre os conteúdos trabalhados na sala de aula e os elementos presentes no ambiente estudado. Por outro lado, há um resgate do conteúdo que foi desenvolvido em séries anteriores. Dessa forma, essas duas vertentes de conteúdo se entrelaçam em um mesmo estudo, rompendo com a maneira linear de desenvolver os conteúdos, dando lugar a uma experiência de currículo em rede.

*Se, na modernidade, o currículo necessitava seguir um ordenamento linear, seqüencial e quantificável, no mundo contemporâneo, sua realização assume as características de redes complexas, plurais, imprevisíveis e inéditas. (FERRAÇO, 2002: 149).*

Para que o trabalho com conteúdo seja realizado dessa maneira, é fundamental que os estudos do meio sejam realizados sempre planejados e realizados pela equipe de professores e coordenadores da escola, como vem acontecendo desde que esta prática curricular é feita na escola.

As questões de relacionamento social, trabalhadas durante um estudo do meio, constituem-se em outro aspecto importante fruto do contato direto entre professores e alunos. Em viagens com duração de alguns dias as relações entre os alunos tornam-se mais intensas, os aspectos positivos e

negativos dessas relações se potencializam, permitindo que os professores atuem de maneira mais tranqüila em problemas como o da exclusão, por exemplo. Além disso, como o tempo no estudo do meio não é restrito como o tempo de duração da aula, o convívio entre professores e alunos possibilita o fortalecimento do vínculo afetivo entre eles e, muitas vezes, até a resolução de problemas originados na sala de aula, que, em função do curto espaço de tempo da hora/aula, não foram resolvidos adequadamente.

Essas transformações nos relacionamentos que envolvem alunos e professores, se convertem em grandes contribuições para as relações na sala de aula e em amizades que ultrapassam os limites da própria escola.

Para mim, a amplitude de uma experiência de estudo do meio se retrata neste trecho do relato da professora Tereza: *“não fica no papel, não fica na conversa, fica na vivência”*.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, N. Tecer Conhecimento em Rede. In: ALVES,N. e GARCIA,R.L. (Org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ALVES, N. Cultura e Cotidiano Escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/junho/julho/agosto, 2003.
- AMARAL, I. A. Ambiente, Educação Ambiental e Ensino de Ciências. In: *Ciências na Escola de 1º Grau. Textos de Apoio à Proposta Curricular 2ª edição*, CENP/SEE, São Paulo, 1991.
- BENJAMIM, W. O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas I – magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente, Saúde*. Brasília, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília, 1998.
- CARVALHO, L. M. Educação Ambiental e os trabalhos de campo. In: SAUVÉ, L; ORELLANA, I; SATO,M. (Org.). *Textos Escolhidos em Educação Ambiental: de uma América à outra*. 01 ed. Montréal, 2002, v.02, p.277-282.

- FERRAÇO, C. E. Currículos e Conhecimentos em redes: as artes de dizer e escrever sobre a arte de fazer. In: ALVES, N. e GARCIA, R. L. (Org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GARCIA, R. L. e ALVES, N. Atravessando Fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ALVES, N. e GARCIA, R. L. (Org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o Saber da experiência*. I Seminário Internacional de educação de campinas, julho, 2001.
- LOPES, A. C. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- LOPES, A. C. *Hibridismos de discursos escolares na disciplina escolar química*. Texto apresentado no II Workshop sobre aspectos teóricos metodológicos no ensino de química. 26ª Reunião Anual SBQ, 2003.
- MANHÃES, L. C. S. Rede que te quero redes: por uma pedagogia da embolada. In: OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MORIN, E. Articular os saberes. In: ALVES, N. e GARCIA, R. L. (Org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- PACHECO, D. E por falar em Ensino de Ciências. *Ciências na Escola de 1º Grau. Textos de Apoio à Proposta Curricular 2ª edição*, CENP/SEE, São Paulo, 1991.

PEREZ, C.L.V. *O lugar da Memória e a Memória do Lugar na Formação de Professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa.* Caxambú, MG. 26ª Reunião da ANPED, GT-08 – Formação de Professores, 2003.

SÃO PAULO. *Estudo do meio e outras saídas para o ensino noturno – teoria e prática.* Caderno 4, CO-DOT EDA 1º e 2º Graus, 1992.

SILVA, A.M.R. *Trabalho de Campo: Prática Andante de Fazer Geografia.* Geo UERJ, Rio de Janeiro, n.11, p.61-73, 2002.

|

|

1000

1000

1000